

ANNO IX
NUMERO 199

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{TE}



GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

A. HARTRODT

SÉDE: **HAMBURGO** — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— * Modelos exclusivos * —

Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

199

A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente
 Redacção e administração
 Praça dos Restauradores
 43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 5 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: Giorgione — Pizzicatos — Real theatro de S. Carlos — Wagner em Lisboa — Theophilo Braga — Concertos — Noticiario — Bibliographia musical portugueza — Necrologia.



Giorgione — Il Concerto

GIORGIONE

(1478-1511)

II Concerto (Palacio Pitti — Florença)

E' impossivel comprehender a obra d'este grande colorista se a isolarmos dos factores que imprimiram feição muito especial á escola veneziana no periodo, que atravessa os seculos xv e xvi. As correntes nascidas da tradição religiosa e da transformação social, elaborada pela sciencia de Mirandola e pela moral de Jeronymo Savonarolá, separam-se para dar a hegemonia da arte christã a Roma e deixar expandir o renascimento do hellenismo, adptado ao sensualismo da grande arte decorativa, que teve em Botticelli, Giorgione, Tiziano e Veronés admiravel desenvolvimento, e foi percursora d'escolas, que ainda influiram na esthetica d'artistas contemporaneos. Designadamente Botticelli e Giorgione synthetizam na arte as influencias moraes do seu tempo.

As *conversazione* profanas foram para os venezianos, dominados pelo culto das bellas fórmas e pela sumptuosidade da côr, um pretexto para a pintura, em que se compraziam os instinctos de belleza, que ainda no nosso tempo encontraram nos grandes decorativos inglezes (Burne Jones, Ruskin, Wats, Morris) e franceses (Chavannes, Martin, Ménard, Dufeu) motivos dominantes para algumas obras primas. Relembrem-se, a par do *Concerto* de Giorgione, do museu do Louvre, o hemicyclo da Sorbonne, Santa Genoveva, do Pantheon, Inter artes et naturam, do museu de Rouen, as symbolicas figuras do «Verão» do Hotel de Ville de Paris, incomparaveis afirmações do genio decorativo de Chavannes, a «Escada d'ouro» e a «Creação», de Burne-Jones, que foi, com Ruskin e G. Moreau, o maior defensor da poesia associada ás artes.

A filiação das obras d'arte, que o consenso universal sanciona como producções de primeira grandeza, é a affirmação do valor absoluto, que se expressa por esse elemento de belleza permanente, que não assigna epoca ás creações maximas do genio.

GUIDO.

PIZZICATOS

Agora que o festejado auctor do *Amor de Perdición* vae poder em socego pensar nos louros colhidos, já que em lours será inutil

fazel-o — a não ser n'algumas de carne e osso, pois com as metallicas nunca jamais se regalarão artistas portuguezes — julgo talvez o momento opportuno para vir formular-lhe um pedido.

S. ex.^a continua sendo conselheiro e par do reino, e, como tal, dispondo de grande influencia no nosso meio politico e burocratico; falando eloquentemente, segundo asseveram, com facilidade arrebatada os que o escutam e, se quizer, fará mais que arrebatá-los, convencel-os-ha.

Ora pois, trata se do seguinte: Parece ser sempre obra de favor mais ou menos insigne o pôr na scena de S. Carlos um original portuguez, á uma porque os cantores nem sempre se prestarão de bom grado a estudar papeis que não voltarão a desempenhar, e depois porque os empregarios difficultam a exhibição de obras que envolvendo despeza certa, representam receita problematica.

A França, a Allemanha, a pequena Belgica, a propria Inglaterra teem o seu theatro com cantores seus cantando não em lingua estranha mas na do paiz respectivo, e assim conseguiram já, ou vão conseguindo, tornar esse theatro uma realidade.

A nossa querida visinha Hespanha tambem tentou a experiencia, porque dispondo de um consideravel numero de cantores, alguns d'elles de reputação mundial, e possuindo mesmo uma arte sua, com côr local inconfundivel, julgou, mais do que qualquer outra, estar no caso de saír victoriosa.

Creio, porém que victoriosa na Catalunha, possuidora, ha cinco annos, de um theatro lyrico nacional, o *Lyceu de Barcelona*, onde se executaram já umas dez partituras escriptas em letra e musica propriamente catalãs; em Madrid succumbiu, talvez por motivos supervenientes mas porventura facilmente removiveis, e quem sabe, talvez em via de desaparecimento, para gloria d'esta peninsula amada onde nada nos pôde ser indifferente.

Portugal, sem um grande conservatorio, sem uma accentuada tradição musical, por não haver sido devidamente explorada e cultivada á que existe, não estaria em circumstancias de fundar, desde já, uma opera nacional onde artistas e executantes portuguezes nos dessem a conhecer producções portuguezas.

Mas toda a construcção tem um começo, e se um dia nos resolvessemos a começar, alguma cousa porventura se conseguiria.

N'estes termos, o que o maestro João Arroyo, que é ao mesmo tempo o conselheiro João Arroyo, poderia talvez realizar, seria o arrancar ao meio onde é figura dominante, uma d'estas duas medidas de alcance transcendente: — ou a obrigação, mediante peter-

minadas concessões ao empresario de S. Carlos, de sempre nos fazer ouvir um trabalho de musico portuguez que de tal fosse reputado digno; — ou o subsidio de 5 a 10 contos de réis ao Conservatorio ou instituto que tivesse a iniciativa de crear entre nós a *opera nacional*, cantada na lingua em que Camões escreveu, que só é anti-musical para quem, por espirito de rotina, vicio de educação ou deficiência de intellecto, ignora ou desdenha de conhecer as leis fundamentaes da eurythmia e da linguistica, e por preguiça mental ou impotencia de ouvido é surdo ás bellezas da tonalidade particular de cada povo, e n'esse caso do nosso que tambem a tem, e preciosissima por signal.

Qualquer d'estas duas medidas, sabiamente estudadas e seriamente postas em pratica, acabariam por dar-nos essa coisa que tantos imaginam impossivel, e de que tantissimos riem descrentes, só porque a cada opera portugueza que apparece, feita com mais ou menos talento, com mais ou menos probidade musical, com pouca ou nenhuma originalidade, apparece invariavelmente um critico a gritar-nos que ainda d'esta vez não estamos de posse de um Verdi ou de um Massenet, de um Wagner ou de um Gounod .. que pelos modos surgem nos outros paizes a cada canto...

Assim, se o sr. Arroyo quizesse definitivamente entrar para a confraria dos maestros, trazendo para ella, além do seu incontestavel valor como musico, a sua poderosa influencia como politico, não para fazer politica com a musica mas para por via da politica procurar servir a musica, palpita-me que dariamos um grande passo, um passo decisivo.

Eu bem sei que s. ex.^a tambem já teve, como os seus antecessores, o inevitavel critico, que veiu chamar-lhe pouco menos de ignorante e banalão; mas, quando d'esse critico já ninguem se lembrar sequer, não só pedaços d'esta sua obra de hoje e d'aquellas que por certo nos vae dar, como trechos das que então outros viriam a escrever, brilhantemente testemunhariam a existencia de musicas qualidades creadoras na imaginativa raça portugueza, provando ao mesmo tempo que, ao menos uma vez, da politica e por intermedio de um politico, um bocadinho de luz tinha raiado...

RI-MAL.

Com corações envilecidos poderão fazer-se eruditos: nunca se poderá fazer um artista.

STENDHAL.



Com a recita de homenagem ao *maestro* Dr. João Arroyo fechou no dia 22 do corrente o teatro de S. Carlos.

A época lirica finda constou de 84 espectaculos, sendo 50 de assinatura ordinaria, 28 da extraordinaria e 6 avulsos. Cantaram-se 15 partituras diferentes e a zarzuela *Duo da Africana* na terça feira de carnaval. O *Hamlet* foi cantado 12 vezes e a *Dannazione* 9. *Amór de perdição* e *Profeta* obtiveram 7 audições. *Iris*, *Mefistofeles* e *Rigolêto* 6. *Demonio Luisa* e *Otello* 5. *Baile de mascarar*, *Romeu e Juliêta*, 4. Os *Huguenotes* e *Fedora* foram cantados 3 vezes e a *Tosca* uma.

Não foi das mais felizes a época lirica finda. O elemento feminino foi muito mal representado no elenco. Apenas podemos apontar a sr.^a Carelli, que só tomou parte em 4 espectaculos da *Iris*; a sr.^a Gagliardi, que desde o principio reconhecemos ser artista de va'ôr, quando a ouvimos na *Dannazione*, mas que só poude ser apreciada no *Amór de perdição*; e a sr.^a Parsi, que apenas tomou parte em algumas recitas do *Hamlet* e nas do *Profeta*.

Como soprano ligeiro nem um só tivemos de a'gum va ôr rea', como cantôra.

Da classe dos tenôres só o sr. Vignas logrou fazer-se ap'audir sem favôr, embora a sua voz seja de emissão bastante difficil nos agudos. O tenôr frances Alvarez foi um bom cantôr e ainda hoje se ouve com prazer. Dos outros tenôres que para ahí appareceram nenhum honra a scena lirica. Os que tomaram parte no *Amór de perdição* devem a benevolencia com que foram recebidos e es ap'ausos colhidos ao obsequio que prestaram de estudar uma opera de *maestro* portuguez, que ta'vês não tenham ensejo de tornar a cantar.

Como baritono para toda a época lirica tivemos apenas o sr. Bonini, que é um elemento de va ôr e muitas vezes digno de ap auso. Visitou-nos por incidente o baritono Titta Ruffo para cantar nas recitas do *Hamlet*, continuadas depois pelo baritono Giraltoni, que não receou sujeitar-se a um confronto, em que não foi muito fe'iz. Digamos todavia que o desempenho do 3.^o acto do *Hamlet* por Giraltoni foi d'uma comprehensão dramatica superiôr e que como cantôr tem uma escola de *bel-canto* digna de ser

imitada. O que não podemos explicar são as deficiências de voz que no vigór da idade se lhe estão manifestando.

Dos córos, que o elenco apontava deverem constar de 72 figuras d'ambos os sexos, não nos ficaram boas impressões. São um elemento muito importante na scena lirica e contribuem seriamente para o regu ar desempenho d'uma opera. Em S. Carlos nunca vimos aquêe numero atingido. Nem isso seria para nós motivo de reparo. Preferiamos menor quantidade de figuras, mas de melhor qualidade. Vozes frescas e afinadas. É exactamente o que temos dito com relação ao numero dos executantes da orquestra, cujos solistas estrangeiros tambem foram este anno de muito inferiôr qua idade. Em taes condições não sabemos explicar a necessidade de importar artistas estrangeiros, cujo merito musical é bastante inferior ao dos artistas portugueses.

A superior direcção de Luis Mancinelli supriu muitas deficiências do elenco e da orquestra. É um elemento de primeira ordem que devia ser conservado em S. Carlos.

Dos grandes inconvenientes dos espéctaculos diários é inutil fa'ar. Não ha pessoal que lhe resista; mas assim continuaremos até que apareça um governo que o he com atenção para as coisas d'arte.

26 de março.

ESTEVES LISBOA.

Wagner em Lisboa

De um dos ultimos numeros do nosso pressado collega *Novidades* pedimos venia para trancrever o seguinte artigo, com que plenamente concordamos:

«S. Carlos fechou, hontem, as suas portas com uma recita memoravel em que, ainda uma vez, foi consagrado o genio de um dos filhos mais gloriosos d'esta nossa bôa terra de Portugal. Pois já no *foyer* confortavel, onde João Arroyo recebia os abraços dos seus amigos, nos corredores anti-diluvianos, onde se trocavam as ultimas impressões da temporada e na cocheira do salão, onde as senhoras, ao findar o espectáculo, aguardavam sobre a lage o desfile das suas carruagens, ferviam os vaticinios sobre o que será a epoca futura, em que o *Amor de Perdição* deve ter a sua *reprise*, para o que, segundo nos consta, a empresa firmou já o contracto de *reconferma* com a sr.^a Gagliardi, a Thezeza de Albuquerque ideal sob todos os aspectos. Assim se dizia, por exemplo, que o sr. Pacini pensara em fazer cantar o *Tristão e Isolda*, de Wagner, com uma artista da

Opera de Paris, a sr.^a Grandjean ou a sr.^a Breal e com o sr. Vignas, mas que, por fim, desistira do intento, receiando que os seus esforços n'este sentido sejam inutilizados pela indiferença — quem sabe, até, se pela hostilidade? — do publico que boceiou com os *Mestres cantores de Nuremberg*, essa maravilha que, pelo seu caracter especial de comedia lirica, está para o resto da obra wagneriana, como o «drama satyrico para a pureza commovedora das tragedias do helle-nismo».

Não sabemos se a noticia é verdadeira. Talvez o seja, por infelicidade nossa! So o é, cumpre a todos quantos se interessam pelo culto da musica como factor primacial de educação artistica, o dever de trabalhar para que a empresa de S. Carlos não recue no movimento de arte que se propunha realisar e que corresponde a essa bemdita cruzada em que se empenham os mais altos espiritos do mundo latino para consagrar, pelo amor da nossa raça, a obra do extraordinario creador dramatico apenas comparavel ao divino Shakespeare. Evidentemente a plateia de S. Carlos, por motivos que, mais uma vez, temos accentuado em artigos da especialidade, não possui a educação necessaria para ouvir Wagner no recolhimento espiritual que o seu genio sollicita e merece. Mas, por isso mesmo, torna-se necessario que a propaganda se vá fazendo, pouco a pouco, mais ainda pelo exemplo do espectáculo que pela lição da doutrina. Se continuarmos n'este regimen de *Lohengrin* e *Tannhauser* e de *Tannhauser* e *Lohengrin*, com os *Mestres cantores* e o *Navio Phantasma* arrumados no archivo e com o *Annel dos Niebelung* no mundo dos impossiveis, não avançaremos um passo. Custa a crêr que um theatro lyrico da cathegoria do S. Carlos de Lisboa não tenha no seu repertorio corrente, pelo menos a *Walkyria*, o *Tristão e Isolda* e o *Siegfried*! Estacioná-mos. E estacionar, em arte, é retroceder. Procuremos pois, por todos os meios ao nosso alcance, evitar que o sr. Pacini renuncie ao proposito que lhe foi attribuido e que só um desanimo, até certo ponto justificado, pode ter posto de parte. E quanto á critica musical de Lisboa estamos certos de que ella cumprirá o seu dever, preparando a opinião, com a devida antecedência, quer em artigos de propaganda quer até em conferencias publicas, se tanto fôr necessario, para que a plateia de S. Carlos, ao chegar a primeira recita do *Tristão e Isolda* — se ella chegar! — faça uma ideia, pelo menos approximada, do que vae ouvir.

Se houvesse em Portugal, como ha em França, uma direcção de bellas-artes para se occupar destas coisas com interesse!...»

Publicando no presente numero o seguinte soneto de Affonso Vargas, recitado por Santos Tavares na festa promovida, nos primeiros dias do mez que hoje finalisa, em honra do grande trabalhador das letras patrias, o eminente publicista Theophilo Braga, a ARTE MUSICAL deseja provar, que embora tardiamente, se associa a essa homenagem.

O historiador do theatro portuguez, a quem a musica não poderia ficar estranha, mais de uma vez lhe consagrou já os primores da sua erudita palavra e de certo muitos se lembrarão, entre outros trabalhos, de uma bella conferencia feita em tempos n'um salão agora fechado para tristeza de todos.

E n'estas columnas verão que, ainda ha poucos dias, a obra immorttal de Beethoven de novo o trazia á estacada, inspirando-lhe mesmo alguns luminosos e suggestivos conceitos.

Por tudo isto é-nos duplamente agradavel deixar aqui este singelo MEMENTO.

A THEOPHILO BRAGA

(No seu dia)

Philosopho, poeta, catechista,
Semeador ardente da Sciencia,
Pondo, a servil-a, a propria consciencia
E a graça harmoniosa d'um artista,

Se acaso algum de nós, lançando a vista
Por sobre a crystallina transparencia
De toda a sua obra onde a vehemencia
E' só contra a rotina formalista,

Pergunta, entre enlevado e curioso,
Que força inconfundivel o tornou
Em combatente assim victorioso;

Responde-nos o mundo, que o sagrou:
— A força foi o estudo luminoso
D'um cerebro pujante — que pensou...

Affonso Vargas.



Foi fertil de concertos a presente quinzena. O primeiro de que temos a dar conta aos nossos fieis leitores é o que serviu de estreia á *Academia Musical de Amadoras* e que se realizou, como tinhamos anunciado, a 16 d'este mez.

Tendo á sua testa um rapaz diligente e talentoso, como é Alfredo Mantua, não é difficil prevêr a esta nascente instituição um auspicioso futuro; o exito da estreia já foi um optimo prenuncio, que deve ter deixado plenamente satisfeitas as gentis tocadoras da *Tuna* e o seu director.

Mas não foram sómente as peças d'*ensemble* que lograram as ovações do auditorio; as meninas Maria Julia Soares, em um solo de viola franceza, Emilia de Sá Vianna n'uma romanza de Quaranta, Beatriz Silva na *Serenata* de Braga para violoncello e Hilda King, nos seus adoraveis solos de harpa, foram applaudidas com phrenesi, assim como as pequeninas Coimbras na parte dramatica, em que mostraram uma encantadora graça e uma precocidade nada vulgar.

A sr.^a D. Eugenia Crespo, uma dos nossas boas artistas do violino, tambem teve grandes applausos, e bem merecidos, nos solos que lhe incumbiam em varias peças da *Tuna*.

Como acompanhadores distinguiram-se a sr.^a D. Maria Monteiro Coimbra e o sr. Alfredo Mantua, que tambem tocou um difficil solo de bandolim, com geral applauso.

*

Foi tambem muito interessante o concerto organizado em 19 pela illustre professora, sr.^a D. Christina Mouchet, com o intuito de auxiliar a fundação de uma colonia de verão para creanças pobres.

Toçou a distincta artista varias obras de Mozart, Beethoven, Schumann, etc., salientando-se por uma execução verdadeiramente aprimorada as *Variações* de Beethoven, a *Érotik* de Grieg e nomeadamente um capricho de Rheinberger para a mão esquerda, em que poz verdadeiros primores de virtuosismo.

Completaram o programma a prima-donna Clasenti, o tenor Vignas e o maestro Lombardi, de S. Carlos, concorrendo todos com o seu talento, já tantas vezes comprovado, para que a festa reunisse aos proventos que uma larga concorrência provocou, um luzi-

mento artistico que é pouco usual n'este genero de festas.

Felicitemos pois a professora Mouchet por esse duplo exito.

*

A 22 e 24 realizou o *Orpheon Portuense* dois optimos concertos com a cantora franceza Jeanne Raunay, expressamente contratada para esses concertos.

E' um soprano dramatico, em cuja voz não ha talvez recursos maravilhosos, mas que dispõe de optima escola e de summa intelligencia. Dá cuidadosamente a cada phrase o seu valor expressivo e amolda se a todas as intenções — o que é mais que bastante, na epoca d'hoje, para suscitar applausos.

O publico portuense não lh'os regateou e fez-lhe até calorosas ovações em alguns dos numeros executados nos dois concertos.

*

Na noute de 23 realizou a *Real Academia de Amadores* o seu concerto annual em favor do proprio cofre.

Invertendo por completo a ordem do programma daremos o primeiro logar e o primeiro elogio aos coros orpheonicos do padre Borba, que levantaram o mais legitimo entusiasmo. *Chimeras* e *Canção das Aguas*, esta ultima a quatro vozes, foram um triumpho não só para o mestre e auctor, mas tambem para os coristas que bem claro mostraram quanto tem ganho na sua curta mas solida aprendizagem.

O publico pediu instantemente algum numero fora do programma e foi mimoseado com uma barcarola popular, que já tinha sido muito apreciada em concerto anterior.

A orchestra tambem vae fazendo progressos sob a batuta intelligente e disciplinadora do novo mestre; a *Pièce d'orchestre* de Philipp e outros numeros do programma são a prova mais concludente do que acabamos de affirmar. Oxalá não affrouxe esse bom movimento ascensional e possamos vêr renascerem, em praso breve, os tempos aureos da orchestra da *Academia*.

Como solistas apresentaram se D. Erminia Russell e D. Hilda King, calorosamente applaudidas como sempre.

*

O *clou* da quinzena foi, como era natural, a pequena mas artistica serie de concertos que Marix Loevensohn e Joseph Daëne realizaram no Conservatorio Real de Lisboa.

Como o programma dos dois concertos publicos foi sensivelmente alterado, importa



MARIX ZOEVENSOHN

que aqui fiquem consignadas quaes as peças que os dois applaudidos artistas executaram entre nós.

São as seguintes :

1.º concerto

SONATE.....	<i>Valentini</i>
(violoncello)	
CONCERTO.....	<i>Bach</i>
(piano e quarteto dobrado com adagio para violoncello a solo)	
SUITE en sol majeur....	<i>Bach</i>
(violoncello)	
ADAGIO ET ALLEGRO.....	<i>Schumann</i>
(violoncello e piano)	
SONATE en sol mineur.....	<i>Beethoven</i>
(piano e violoncello)	
KOL NIDRE.....	<i>Max Bruch</i>
(violoncello com quarteto dobrado)	
ALLEGRO.....	} <i>Haendel</i> <i>Saint-Saëns</i>
(piano)	
CONCERTO.....	<i>Saint Saëns</i>
(violoncello com quarteto dobrado)	
2.º concerto	
SONATE en lá.....	<i>Boccherini</i>
(violoncello)	
ALLEGRO en ré majeur.....	<i>Bach</i>
(piano com quarteto dobrado)	
PRELUDE DA LA SUITE en ut mineur.....	<i>Bach</i>
(violoncello)	
CONCERTO.....	<i>Haydn</i>
(violoncello com quarteto dobrado)	
ALLEGRO DU CONCERTO en sol mineur.....	<i>Bach</i>
(piano)	
a) — LE CYGNE.....	<i>Saint Saëns</i>
b) — PRELUDIUM.....	<i>Popper</i>
c) — MENUET.....	<i>Becker</i>
d) — FILEUSE.....	<i>Popper</i>
(violoncello)	

VARIATIONS SYMPHONIQUES. .. *Boellmann*

(violoncello com quarteto dobrado)

Estes dois admiraveis programmas, dos quaes o primeiro pareceu a alguns exageradamente serio, tiveram uma execução superior, attingindo mesmo ás vezes um raro nivel de perfeição, e diremos mesmo de emoção. Marix Loevensohn é hoje um artista completo, uma das maiores summidades no seu instrumento, artista que allia a um excepcional temperamento de musico faculdades tão invulgares de expressão e de technica que lhe permitem dizer as mais complicadas cousas com o seu violoncello e, o que é mais, transmitir esses dizeres, em toda a sua força emotiva, a um publico inteiro.

Som bello e potentissimo, uma mão d'arco como não conhecemos outra, uma grande nobresa no phrasear e a affirmação a cada momento de uma superior intelligencia de dicção, eis as qualidades que mais nos encantam no insinuante artista; e vem agora a pello dizer, porque nem todos conhecem esses promenores, que se alguma vez se notou certa aspereza em passagens de agilidade e energia, se deve isso attribuir tão sómente ao desastre de que foi victima o seu esplendido *Teckler*, cujo tampo superior se fendeu d'alto a baixo nos inevitaveis baldões da viagem.

O pequeno publico que assistiu aos concertos deixou-se mais de uma vez commover, de uma commoção bem sincera e expontanea, pela summa arte do tocadôr e pela sentida paixão com que interpretou muitas das suas peças, nomeadamente os adagios dos *Concertos* de Bach, e de *Saint-Saëns*, todo o *Concerto* de Haydn, os *Preludios* de Bach e de Popper, o *Adagio* de Schumann, as opulentas *Variações symphonicas* de Boellmann, etc.

A par de Marix Loevensohn apresentou-se um pianista novo para nós, o sr. Joseph Daëne, que nos dizem ser optimo organista e residir habitualmente em Bordeus.

E' bem complexa esta personalidade artistica. Não lhe podemos negar talento na maneira como interpretou a *Sonata* de Beethoven, a *Esquisse* de Schumann no concerto da *Sociedade de Musica de Camara*, e algumas obras de Bach em todos os concertos; mas é forçoso dizer que das desigualdades do seu jogo, e particularmente da sua falta d'instincto artistico, nascem por vezes taes disparates, que nos quedamos perplexos sem poder formular um juizo seguro sobre o verdadeiro valôr do mestre bordelez. De resto, Joseph Daëne tem o condão dos homens subtis e finos: escapa á analyse. Escorrega-se nos das mãos como uma enguia, quando pretendemos prescrutar até que ponto chegam as suas van-



Medalha oferecida a Lœvensohn

tagens artisticas. Nada podemos saber, senão que é um deploravel tocadôr de conjuncto, que parece ás vezes ignorar até os primeiros elementos da sciencia musical...

Mas então toca Bach e é um bom organista? Mysterio!...

*

Na noite de 26 teve logar a despedida de Lœvensohn e Daëne, com uma audiçãõ que amavelmente ofereceram á *Sociedade de Musica de Camara* e que tambem se realisou no salão do Conservatorio.

O programma continha os seguintes numeros :

ALLEGRO.....	<i>Bach</i>
(piano com duplo quarteto)	
CONCERTO.....	<i>Schumann</i>
(violoncello com duplo quarteto)	
SONATA.....	<i>Haendel</i>
(violino e violoncello)	
ESQUISSES.....	<i>Schumann</i>
(piano)	
QUATUOR D'APRÈS UNE CANTATE	<i>Bach</i>
(quinteto de cordas)	

que os valiosos concertistas ainda acrescentaram com o *Præludium* de Popper, no violoncello, e uma *Valsa* de Benjamin Godard, no piano.

A direcção da *Sociedade* brindou Marix Lœvensohn e Joseph Daëne com duas artis-

ticas medalhas de bronze, respectivamente assignadas por Coudray e Rivet.

*

Na mesma data de 23 e no bello salão do *Grande Club de Lisboa*, realisou se a primeira de uma serie de audições de *Sonatas* de Beethoven, que o intelligente pianista sr. Theophilo de Russel se propõe realizar n'esta epoca.

Bem nos penalisa não ter podido assistir, apesar da gentileza do convite, a esta interessante festa, duplamente brilhante pelo valor da musica executada e pela primorosa conferencia com que o dr. Theophilo Braga a esmaltou.

N'esta conferencia, que sentimos não poder reproduzir na integra, disse o erudito homem de letras que «Os grandes artistas são admirados pela sua obra, mas para que ella seja apreciada é indispensavel que alguém elucide as multidões, historiando a forma, a concepção, a maneira propria d'esses mesmos artistas.

E com Beethoven, mais do que com qualquer outro, isso se torna necessario.

A sua obra é vasta e, até agora, só na Alemanha se fez a sua execução integral.

É esse o emprehendimento a que se abalancou o sr. Theophilo de Russell, que pediu, a elle, orador, viesse ali dizer algumas palavras sobre a obra do mestre.

Parece estranho que elle, orador, que tem passado a vida em conferencias politicas, em palestras scientificas e saraus litterarios, venha falar de musica. É que para complemento dos seus estudos foi obrigado a dedicar-se ao assumpto musical. Para se apreciar a trova popular, por exemplo, não basta conhecer a poesia, torna se indispensavel ter conhecimentos do canto, da musica.

Beethoven deve ser apreciado como um reformador que fez da musica não uma sedução auditiva, mas uma philosophia, um estado d'alma inegalavel. Beethoven foi, pode dizer se, o poeta da musica. E, saibam-n'o: para se ser um grande musico é indispensavel ser-se um grande poeta.

Mas não se pense que para ser um grande poeta basta fazer versos bem metrificadas. Não. Um grande poeta deve ter uma idéa subjectiva do Universo que chegue a ser integral. Precisa ter a noção e a visão dos symbolos.

O mesmo succede na musica. Wagner, por exemplo, conseguia produzir phrases musicas que commoviam mesmo antes de desenvolvidas. Ricardo Wagner não tomava notas escriptas de impressões colhidas em qualquer viagem. Compunha, antes, uma phrase musical de dois ou tres compassos, que mais tarde lhe reproduzia a emoção colhida no local que lh'a inspirára.

Beethoven, com a sua obra, faz nos atravessar um inferno de dôr para nos deixar depois um mundo de esperança, aquecendo-nos e dando-nos confiança.

Beethoven appareceu n'uma epoca fertil em grandes compositores, todos elles hoje venerados como verdadeiros idolos. Mozart, Bach, Haendel e Gluck. De todos elles Beethoven se emancipou porque era immensamente poeta.

Diderot, quando queria definir o artista, dizia: É uma alma que se atormenta!

Só essas naturezas que se atormentam podem dar verdadeiros artistas, porque vão á busca de um ideal.

A vida de Beethoven foi, realmente, cheia de tormentos. Basta que se diga que o maior genio musical, que porventura houve, ensurdeceu completamente antes dos 30 annos. Uma vez, assistindo á execução de uma obra sua, tiveram de o voltar para o publico para poder ver quo o aplaudiam. Pode conceber-se maior martirio? É o mesmo que se se dissesse que a Raphael ou a Miguel Angelo haviam arrancado os olhos e não mais podiam pintar.

Beethoven era filho de um homem que tinha o vicio da embriaguez. A sua casa era um cahos e, seus irmãos, como o pae, não tinham senso moral. Teve a desdita de perder a mãe cedo e o pae tambem faleceu quando elle era ainda novo; de maneira que, mais tarde, os irmãos negociavam com as suas obras, vendendo-lhe as composições por qualquer preço.

Beethoven era immensamente amavel e tinha por tal forma assimilada a linguagem musical que quasi não sabia falar.

Uma vez, indo dar os pesames a uma se-

nhora que acabava de perder o filho, quiz falar, mas, faltando-lhe a phrase, pediu licença para se sentar a um cravo que viu aberto na sala. Executou ahi de improviso umas phrases patheticas e, no fim, exclamou, saindo: «Era isto, minha senhora, o que eu lhe queria dizer!»

Aos 12 annos, Beethoven, que deu á sua musica uma expressão dramatica inteiramente nova e riquissima de intensidade, era já um eximio executante de orgão e cravo.

E não admira que fossem estes os instrumentos seus predilectos, porque o cravo e o orgão, com o seu complemento — a rabeça — são a razão do avanço musical. Quanto mais harmonia possui em si, mais rico é o instrumento e, incontestavelmente, aquelles são os mais harmoniosos que existem.

N'esta altura da sua conferencia, o sr. dr. Theophilo Braga disserta larga e proficientemente sobre as vibrações que o ouvido humano pode suportar, que são desde 33 por minuto até 3960 por segundo; aprecia as tonalidades da orchestra, do orgão e do piano, notando os defeitos d'este ultimo, o principal dos quaes é ter som feito, o que obriga á necessidade de haver um artista que lhe modifique, na execução o timbre.

Antes de Beethoven, os musicos queriam a consonancia absoluta, mas depois d'elle começaram a tirar-se effeitos novos da dissonancia, de cada vez mais numerosos, de cada vez mais bellos.

Na musica de Chopin, para exemplificar, ha uns *rebates*, com tão grande desigualdade de intervalos, que chegam a commover profundamente. Chopin applicou-os aos seus *nocturnos*, produzindo assim effeitos absolutamente novos.

Os mestres de Beethoven, isto é, os compositores que elle na sua primeira maneira de escrever escolheu para orientadores, foram Haendel, e Bach que tanto cultivou a *fuga* e de que é exemplo primoroso e flagrante a sua *Paixão de S. Matheus*.

O conferente refere-se então aos grandes coraes de Haendel e Bach; define a origem da musica allemã e a differença que houve entre coraes catholicos e coraes protestantes, fala da *nota tónica*, aquella que sobresaia em todos os córos, e advoga a criação de orpheons como maneira de educar musicalmente as gerações.

Beethoven era neto de um grande organista; Bach tinha 24 musicos na familia e Mozart ero acordado pelo pae ao som da rabeça.

Na sua primeira phase, 1782-1801, Beethoven educou-se com Bach e Haendel. Mas era quasi contemporaneo de Haydn e Mozart e, ainda que desde logo mostrasse ter creado uma individualidade propria, as suas primei-

ras *sonatas* resentiam-se um pouco da influencia dos mestres.

Em 1798 irrompeu a surdez, que se tornou completa em 1802. Mas apesar d'isso Beethoven conseguiu produzir obras primas sem o auxilio de instrumentos que não poderia ouvir.

O sr. dr. Theophilo Braga passa a explicar o que é uma *sonata* — trecho musical dividido em quatro partes, com dois andamentos intercalados: um largo e outro rapido.

Haydn tomou sempre como base da segunda parte das suas *sonatas*, o *minueto*. Beethoven fez, porém, uma modificação: substituiu o *minueto* pelo *scherzo*.

As suas 32 *sonatas* descrevem perfeitamente a sua vida. Beethoven era feio, baixo e surdo. mas era uma alma amavel. Tanto assim que se deixou emballar pelos juramentos de uma formosa dama italiana, que mais tarde lhe pedia dinheiro para socorrer, n'uma dificuldade financeira, um mestre de obras de theatro, com quem depois casou.

Beethoven não se queixou d'esta traição, mas expandiu o seu desgosto na *sonata Clair de lune*, que, então, escreveu.

Fala, depois, o conferente da transição do cravo para o piano-forte, a orchestra ideal que Beethoven previu. E só assim se compreende qua as suas obras nada percam, antes mais realce adquiriram quando executadas n'aquelle instrumento.

Na sua terceira maneira, Beethoven dedicou-se ás *symphonias*, das quaes a 9.^a é intraduzivel. Berlioz, Schumann, Wagner ali foram beber os seus processos symphonicos.

Em 1827 morria Beethoven. N'essa data não se sabia em França quem elle era. Depois se lhe fez justiça, quando começou o descredito da *aria* e da *cabaletta*, sempre bellas, sim, mas só destinadas a fazerem brilhar a nota de efeito d'este ou d'aquelle cantor, em cuja *tessitura* era escripta.

A's 10 horas e 45 terminou o sr. dr. Theophilo Braga a sua conferencia, que foi coroada de fartas salvas de palmas.



PORTUGAL

A já hoje distincta cantora portugueza, D. Herminia Alagarim, obteve o primeiro premio no concurso de canto theatral, effec-

tuado em 20 d'este mez no Conservatorio Real de Lisboa.

A romanza da *Ebréa* e a aria do *Roi de Lahore* foram as peças com que se apresentou no referido concurso.

No mesmo estabelecimento tiveram lugar poucos dias antes, a 14, os concursos de Piano. O unico concorrente, sr. Angelo Barata, tocou o *Carnaval* de Schumann, e a *Arassionata* de Beethoven, obtendo a classificação de *bom* (9 valores e 5 decimos).

*

A *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*, com o producto dos ultimos donativos, adquiriu mais 7 titulos de 4 % com que reforçar o seu fundo, que já conta 27 titulos da mesma especie.

*

Consta que o sr. Desiré Pâque foi licenciado do logar de mestre da capella da sr.^a Marquiza de Fayal, sendo convidado para exercer aquelle logar o eminente organista, Rev.^o Padre Guiseppe Concina.

*

Fomos procurados por uma commissão de alumnos do Conservatorio, que nos communicaram ter deliberado fundar uma orchestra, sob o nome de *Orchestra Academica* e dar o primeiro concerto em fins do proximo abril, em beneficio da *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*.

Agradecemos muito penhoradamente, não só a distincção de que fomos alvo, mas muito principalmente o generoso offerecimento em favôr da fundação instituida por este jornal e com tanta sympathia acolhida no nosso mundo artistico.

*

É no proximo dia 3 o primeiro dos trez concertos que vem dar ao theatro D. Amelia o afamado violinista Jan Kubelik.

A empreza abriu assignatura para os tres concertos, com redução de preço.

*

No dia 25, pela 1 hora da tarde, foi experimentado na egreja das Mercês o orgão reformado pelo sr. Augusto J. Claro, de Braga.

A mesa da irmandade do Santissimo convidou para essa experiencia os notaveis organistas, srs. Léon Jamet, rev. Guiseppe Con-

cina, Guilherme Ribeiro e Costa Pereira bem como outras personalidades artisticas.

Agradecemos o convite, que por imprescindiveis affazeres não pudemos acceitar; consta-nos porém que o instrumento produz bom effeito e faz honra á casa bracarense.

*

○ *Recreatorio do Carmo*, util instituição portuense, no genero das *Officinas de S. José*, acaba de organisar uma banda e um orpheon, installando a sua séde na praça do Duque de Beja.

*

O Café Lisbonense, do Porto, contractou para o mez de setembro proximo um terceto, de que fazem parte Nicolino Milano, Aleardo Tandelli e o pianista Figueiredo.

Aleardo Tandelli é o solista de violoncello que esteve na orchestra de S. Carlos, durante a epoca finda.

*

O distincto pianista Raymundo de Macedo dá no Porto um concerto em 2 do proximo abril, vindo em seguida a Lisboa, para preparar aqui a sua apresentação, que deve ter logar em meados do mesmo mez.

Seja bemvindo o illustre artista portuense.

*

Regressou ante-hontem da Allemanha o distincto violinista portuense Efisio Anedda, que ali estava completando os seus estudos.

Bibliographia musical portuqueira

(Mediante a entrega de nm exemplar que não tenha indicação alguma manuscrita, publica se n'esta secção o nome, auctor e preço de cada uma das obras musicas que se editem em Portugal.)

PIANO SO

ANGELO—Valsa dos Girondinos (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	300
BENSABAT — Feuilles sans parfum, 15 valsas (<i>Ed. Neuparth & Carneiro</i>)	1\$000
MOTTA (VIANNA DA)—Op. 16—Ballada (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	750

MOTTA (VIANNA DA)—Op. 17—Barcarola (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)....	600
---	-----

CANTO E PIANO

BENSABAT — Perchè (<i>Ed. Neuparth & Carneiro</i>)	400
NEUPARTH—Ballada de despedida (<i>Ed. Neuparth & Carneiro</i>)....	300
RIERA—Sylvie (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	480

VIOLINO

SÁ (MOREIRA DE)—A technica da rabeca, 1.º caderno (<i>Ed. Moreira de Sá</i>).....	750
---	-----

VIOLINO E PIANO

HIERRO—Fado (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	480
» —2.º Fado de concert (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	480
HIERRO—Jota (<i>Ed. Moreira de Sá</i>)	600

VIOLONCELLO E PIANO

SOUZA (DAVID DE)—op. 7 — Menuett und Gavotte (<i>Ed. Raunser, Leipzig</i>)	600
---	-----

LITERATURA MUSICAL

VITERBO — Os mestres da Capella Real nos reinados de D. João III e D. Sebastião, (<i>fora do commercio</i>).	
--	--



Falleceu a 19 do corrente mez o sr. Miguel dos Santos Brandão, antigo amator de musica e compositor.

Teve o logar de sub-inspector das alfandegas, de que se aposentara ha quatro annos.

*

Em 30 d'este mez foi victimado por uma congestão cerebral o antigo e honrado commerciante, Bernardino Adolpho Alberto Estrella, socio da firma Sassetti & C.^a, com estabelecimento musical na rua do Carmo.

Aos restantes socios d'esta acreditada firma commercial e á viuva do extincto, a sr.^a D. Maria José Pereira Estrella enviamos as mais sentidas condolencias.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas:—Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores—Edições economicas—Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Ásiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *Leadenhall Buildings, E.C.*
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — *The Temple-Dale Street.*
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Salitre, 19, 1.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA